



GRACILIANO: O REGIONALISMO DE 30, A SITUAÇÃO POLÍTICA E SUA LINGUAGEM DE VIDA LITERÁRIA

José Ferreira Lopes Neto (SEDUCE)¹
zezinhoflopinho@hotmail.com

Ana Angêla Sanches Andreu (UFG)²
anaangela.sanches@hotmail.com

Janete Martins Medeiros (UEG)³
janetem2@hotmail.com

RESUMO: Sedimentada a ideia de que o mundo fora do sertão parece ser o ideal, Vidas Secas nos traz um momento reflexivo que transcreve a incessante busca do ser humano por uma vida melhor, um lugar onde ele possa sentir-se parte de um todo, parte do próprio local onde vive, e suas respectivas noções de bem-estar. O presente trabalho tem por objetivo ler a crítica social nas entrelinhas da obra descrita, de forma a evidenciar a vivência dos retirantes do sertão nordestino. Lugar este em que pouco se via ou falava, e o nada que lhes era oferecido ainda era dividido com o governo, o que lhes proporcionava uma vida ainda mais seca. Seguindo fundamentalmente os pressupostos teóricos de Bosi (1975), analisar-se-á a realidade baseada nas vidas secas da região nordeste, além da política engajada de Getúlio Vargas. Por meio de uma leitura crítico reflexiva foram levantadas as passagens que denotam uma literatura voltada para o aspecto social.

PALAVRAS-CHAVE: Vidas Secas. Graciliano Ramos. Homem-sociedade.

ABSTRACT: Dry lives the idea that the world outside of the interior seems to be the ideal, the Vidas Secas brings a reflective moment that transcribes human incessant search for a better life, a place where it can be part of a whole part of the place where it lives, and its notions of the well-being. This monograph aims to describe the subtext of the social criticism in the work described, in order to highlight the experience of migrants from the interior of the Northeast. It's a place where little has been seen or has been spoken, it hasn't been divide by the govern ment anything that was offered, that gove them a life even drier and poorer. Essentially following the theoretical assumptions of Bosi (1975), it will examine the reality based on the lives of the dry northeast and the policy of engagement during Getulio Vargas. Through a critical reading passage that was lifted throughout a literature focused on the social aspect.

KEYWORDS: Vidas Secas. Graciliano Ramos. Man and society.

¹ SEDUCE

² Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (2011). Atualmente é educador da Escola Municipal Agmar Fernandes Balieiro. Tem experiência na área de Letras.

³ Orientadora. Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (1991). Especialização em Literatura Brasileira pela a Universo (1996) E especialização em Métodos e Técnicas de Ensino pela Universo (1994) e Mestrado Profissional em Educação Písicanálise e Sociedade pelo INSET2008. Professora com experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura e Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: poesias e educação. (janetem2@hotmail.com).

INTRODUÇÃO

O romance “Vidas Secas” traz um momento reflexivo que transcreve a incessante busca do ser humano por uma vida melhor, sedimentada na ideia de que o mundo fora do sertão parece ser o ideal de um lugar onde ele possa sentir-se parte de um todo; parte do próprio local onde vive, e suas respectivas noções de bem-estar.

Apesar de ser uma obra temporal, de escrita sertanejista, Graciliano Ramos retrata uma realidade atual crítica, trabalhando o problema da seca. E ainda fazendo uma análise psicológica onde cada ato se reflete num espelho quebrado regado de instabilidade, pois o homem é fruto da vivência, por meio de uma pequena família composta pelo pai, Fabiano, sua mulher, Sinhá Vitória, e os dois filhos que não teriam nome, além de uma cachorra chamada Baleia. A realidade da família brasileira encurralada pelo sistema capitalista que migra incessantemente uma, duas, três vezes, chegando a uma situação pior do que deixou por todo o caminho.

O tratamento dado a um tema pouco original como o da seca seria, no entanto, inteiramente novo, integrado na estrutura narrativa, não apenas os problemas da seca, seu espaço físico, como também os dilemas de homens simples hostilizados e oprimidos pela natureza e pela sociedade.

1 O que é literatura engajada no sec. XX?

O regionalismo é o pé-de-fogo da literatura[...] Mas, a dor é universal, porque é uma expressão de humanidade (José Américo de Almeida, na abertura do romance A bagaceira.).

A literatura abre caminho pelo sol do nordeste e percorre os lares secos e as pastagens crestadas e se infiltra pela coluna da terra em busca de cavocar na vida fresca, um pouco do aconchego destinado aos que vivem no suculento abrigo às sombras. As relações do personagem com o meio natural é uma estrada percorrida pelos olhos atentos da prosa modernista que confere à literatura o título de engajada. Pois se volta à



denúncia de atrocidades cometidas pelo tempo, pelo governo e sua “democracia” e acovardada pela mãe natureza que em seu regaço oferece apenas nesgas da carne-de-sol do último naco conduzido no bernal. Alguns temas são cerzidos no papel não com tinta rubra, mas com a cor avermelhada da tez retirante que naufraga na sofreguidão escaldante do calor e persegue a noite com sua maciez clara de lua cheia. Esse é o caminho de Graciliano Ramos em *Vidas Secas*, buscando nuanças esgarçadas de um orvalho que açucare as noites abastecidas nas redes de corda que embalam o sono raquítico do retirante.

Estigmatizados pelo espaço geográfico compram alforrias para si mesmos, buscando transgredir suas próprias paredes, tingindo-se de uma linguagem nua e íntima que não vocifere seu grotesco. Então se cala em sons guturais que apenas acenam ao mundo sua existência.

Graciliano fabrica essa coragem, usando sua pena e a despeja no centro de sua tecitura, tangendo o homem como um bicho que busca água da vida que não mata sede, e alimento de igualdade que não sacia a fome.

O romance regionalista abriga o calor do Brasil em cada uma de suas regiões e é no nordeste que Graciliano finca suas raízes textuais. O teor literário volta-se para a matéria presente nos acontecimentos históricos, políticos e sociais das décadas e 30 e 40 do sec. XX. Os escritores brasileiros voltaram os olhos para a vida que corria alheia às estruturas vigentes. E assim marginalizados tornaram-se alimento concreto do fazer literário que se alimenta das vísceras da humanidade para denunciar a verdade que aprisiona a liberdade de expressão e cerceia a palavra, estanque na enxurrada de eleições e o descaso.

A literatura de 1930 a 1945 é uma literatura de caráter mais construtivo de maturidade, que aproveita as conquistas da geração de 1922 e sua prosa inovadora. As transformações vividas pelo Brasil com a crise de 1930 e os inúmeros questionamentos surgidos das oligarquias tradicionais juntamente com a crise de 1922 e os choques ideológicos levam a literatura a tomar posições mais apuradas e engajadas. Há nesse contexto um estímulo ao desenvolvimento de um romance influenciado pela denúncia



social, que em meio a tantas transformações representa um documento da real situação brasileira, atingindo os mais elevados patamares de tensão em se tratando do *eu* com o mundo.

O romance moderno, como fala José Lins do Rego destaca com um enorme vigor e emoção o encontro do escritor com seu povo. E é nessa busca do povo brasileiro “espalhado nos mais distantes recantos da terra”, que o regionalismo ganha o prestígio até então desconhecido em meio à literatura brasileira. Esse encontro gera uma ligação extrema entre os personagens e o meio natural e social.

Nós, no Brasil, queremos, acima de tudo, nos encontrar com o povo, que andava perdido. E podemos dizer que encontramos este povo fabuloso, espalhado nos mais distantes recantos da nossa terra. O romance de nossos dias esta todo batido nesta massa, está todo composto com a carne e o sangue de nossa gente. O mestre Manoel Antonio de Almeida, em 1850, nos dera o roteiro. O segredo era chegar até o povo. Ele tinha todo o ouro, toda a alma, todo o sangue para nos dar a verdadeira grandeza. Sem ele não haveria eternidade. O nosso romance tem um século. Justamente em 1843 publicava-se no Brasil o primeiro romance. Levamos uns anos para chegar ao povo. Hoje, podemos dizer, já podemos afirmar: o povo é em nossos dias herói de nossos livros. Isto equivale a dizer que temos uma literatura (REGO in NICOLA. 1998. p. 352).

É neste sentido que Graciliano vem buscar na realidade nordestina o conteúdo para idealizar seus propósitos. *Vidas Secas* instiga e encanta seu público através de sua estrutura estilística descarnada e a capacidade de expressão do autor através de cada personagem. Aos seres humanos de papel de *Vidas Secas* tudo falta, até a voz, até as falas que se tornam também elas, secas. Já que não conseguem esses personagens articular mais do que rudes palavras. Então, esse chegar ao povo é que dá o encanto das entrelinhas que revelam o desejo de escapar ao sombrio, apesar do ensolarado. Esse é o retirante nordestino “o povo” que se veste de palavras para personificar a vida e a realidade.

Vidas Secas retrata com exatidão a real situação de milhões de nordestinos ontem e hoje, através de sua injustiça social, miséria, fome, desigualdades, seca. Nasce a ideia de que o homem se animalizou sob condições inconcebíveis de sobrevivência.

A obra *Vidas Secas* é escrita por Graciliano Ramos em 3º pessoa quanto a isso Alfredo Bosi ressalta que: “O narrador [...] sumiu por trás das criaturas[...] deslocou o ‘fatum’ do eu para a natureza e para o latifúndio[...] enfim, na desagregação a que o meio arrasta os destinos inúteis de Fabiano, Sinhá Vitória, Baleia [...]” (BOSI, 2004, p. 404).

Nota-se que a própria maneira de escrever já configura a denúncia ao social, onde o eu oculta-se do interior e junta-se de forma genérica à natureza.

O social em *Vidas Secas* configura assim uma realidade subumana e desigual que Alfredo Bosi classifica como “tipos secundários e pitorescos: as figuras são tratadas em seu eixo dinâmico com a paisagem e a realidade socioeconômica. dessa relação. talha-se o caráter do protagonista”. (BOSI, 2004, p. 393)

Alfredo Bosi revela também que o romance é “o sentimento de rejeição que adviria do contato do homem com a natureza ou com o próximo”. (BOSI, 2004, p. 402).

De fato isso é real uma vez que Fabiano se sente rejeitado, fora de seu lugar, seu povo; que não lhe oferece meios para que possa sobreviver e sustentar uma família. Sente-se enganado pelas pessoas, em especial pelo patrão, que lhe tira o couro ao fazer o acerto pelo trabalho e pelo governo que ao invés de dar meios para a sobrevivência deixa milhões de pessoas, como ele, morrerem à míngua, sem nenhuma expectativa de sucesso. Aqui a expressão literatura engajada vocifera, caracterizando-se em terra batida.

Fabiano, sua mulher, seus filhos e até a cachorra são “tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar: o ‘dono’, o ‘soldado amarelo’ [...]” (BOSI, 2004, p.404). A indignação de Fabiano amplia-se à medida que suas expectativas vão se esvaindo em meio a tanta miséria e desgraça. Seus sonhos, os de sua mulher e filhos afogam-se na lama seca que configura a desventura da família.

À medida que o tratamento social faz um levantamento dos aspectos relacionados à sociedade, vão sendo configuradas diversos aspectos importantíssimos para a evolução da obra, como: a paisagem, a terra, os bichos, a fome, a humilhação, a



seca e o próprio destino incerto daquela família, sendo assim são levantados também aspectos psicológicos em meio ao mundo interior dos retirantes na obra. E é isso que chama-se literatura engajada porque os instintos sociais lançam na face da sociedade inerte a úlcera que faz perecer o povo.

Segundo Almeida (2005), a fome que assola Fabiano e sua família, associada à situação de exploração, faz com que ele perca sua humanidade, isso se denota quando ele declara a si mesmo que não passa de um animal: “Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades”.

Essa definição da personalidade apresenta o personagem em uma profunda angústia e decepção com o humano e o animal. A angústia narrada por Graciliano Ramos é fruto da fome em meio a uma vida de exploração e sofrimento.

A década de 30 a 45 sofre angústias, medos da guerra, do governo com suas atrocidades e necessita ver isso tomar forma, corpo na pena do escritor exposto na prosa e poesia da 2ª fase modernista. E é esse reescrever, essa releitura da sociedade com suas mazelas à mostra que chama-se engajamento social. Esse é o calcanhar de Aquiles que aqui será tocado para desnudar a dor social agregada no interior humano.

2 A história que divide a política brasileira: os 15 anos de Getúlio

O romancista e um caso de amor com a realidade que lapida seu destino e entrega nas mãos de políticos (governo) de escrupulosa fé e pouca virtude e caráter. Em 1930, ano que o romance foi escrito, Getúlio assumiu a liderança política do país, passando a governar com poderes praticamente ditatoriais. Seu ministério era composto pelos chamados tenentes civis, que haviam participado da revolução. Uma grande preocupação era a consolidação do poder revolucionário em todo o território nacional, controlando as forças políticas nos estados. Do sul ao norte, os tenentes, ou partidários da revolução, passaram a dominar as políticas públicas. A região Norte e Nordeste estava sob influência do tenente Juarez Távora, braço direito de Getúlio nesta região. O



Estado Novo, plano de governo de Getúlio, promovia grandes manifestações patrióticas, cívicas e nacionalistas e eram incentivados, pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, os apelos patrióticos na imprensa e nos livros didáticos.

A maioria dos intelectuais do Estado Novo era originária de parentes pobres das oligarquias, fato que já ocorria de certa forma na República Velha. A maioria destes intelectuais se dedicava aos gêneros menores de literatura que na época era o romance. O gênero maior era a poesia. Graciliano Ramos era parente pobre de uma oligarquia. Os parentes mais prósperos e os intelectuais pertencentes a oligarquias que ainda não estavam decadentes procuravam profissões mais rentáveis como a de juristas.

A burocracia do governo Getúlio agia de forma hierarquizada e era composta pela elite intelectual e burocrática eram os cargos de confiança. Os homens de confiança faziam serviços de assessoria para pessoas da elite, como Carlos Drummond de Andrade, que foi assessor do Ministro da Educação Gustavo Capanema, Augusto Meyer, Diretor do Instituto Nacional do Livro e Mário de Andrade, chefe do Departamento Cultural da Prefeitura de São Paulo. Os administradores da cultura exerciam cargos de direção em órgãos públicos ligados à cultura. Existiam também as carreiras tradicionais e as novas carreiras profissionais. Os intelectuais e artistas prestavam serviço ao regime, como escritores e arquitetos, que faziam trabalhos e representavam o Governo. Todas as pessoas envolvidas nessa estrutura eram movidas pelo nacionalismo, que representava o fator de unidade entre todos, porque eles tinham como prioridade criar a “cultura brasileira”, mesmo que entre eles existissem divergências.

Uma comparação entre a República Velha e o pós-30, pode-se mostrar que na primeira, a cultura era feita para uma clientela, a atividade intelectual dependia das oligarquias. Tinha exceções como o caso de Lima Barreto, mas eram pessoas em geral marginalizadas. Os que tinham sucesso eram apadrinhados por grupos oligárquicos e participavam das campanhas políticas.

A fonte de sustentação dos intelectuais no Estado Novo era o funcionalismo público e eles trabalhavam na burocracia, enquanto que na República Velha eles



trabalhavam em jornais. O período se revelou de profunda inserção do grupo social dos intelectuais na organização política e ideológica do regime.

No Estado Novo havia uma política estatal de cultura, assim pode se dizer que o que diferenciava as duas fases da República era o uso que se dava aos intelectuais. No Estado Novo ele era utilizado pelo Estado e representou a sua sustentação bem como a do próprio regime. A ideologia do Estado Novo juntando o novo e nacional, a modernização e a tradição, construiu uma cultura política onde os intelectuais tiveram um papel de destaque.

O trabalho intelectual passou a se legitimar não por seu valor, mas pela pessoa ocupar cargos de influência, que significava uma consagração simbólica: fazer parte de um órgão público dava legitimidade às pessoas. Entre 1930 e 1945, 70% dos trinta acadêmicos que faziam parte da Academia Brasileira de Letras, eram ligadas ao Estado, incluindo Getúlio Vargas. (CAPELATO, 2003. p. 125).

O Poder Judiciário não sofreu interferências significativas no Estado Novo, exceto nos casos de *crimes políticos*. Um poder judiciário relativamente independente é raro acontecer em regimes políticos fortes, também chamados de autoritários, como o Estado Novo. O líder comunista Luís Carlos Prestes permaneceu preso durante todo o Estado Novo. Monteiro Lobato foi preso por ter enviado uma carta a Getúlio criticando a sua política em relação ao petróleo brasileiro. Monteiro Lobato queria que o governo explorasse esse recurso natural para o desenvolvimento do País. Durante o Estado Novo foram presos tanto militantes da ANL (comunistas marxistas, durante a tentativa comunista) quanto membros da AIB (nacionalistas, durante a "levante integralista" de 1938), assim como intelectuais vinculados a uma destas duas agremiações políticas como Graciliano Ramos, o Barão de Itararé e muitos outros intelectuais, seja por comunismo ou por simpatias pelo Fascismo, ou quem defendia a prospecção de petróleo no Brasil, como Monteiro Lobato, preso em 1941. Segundo acusações da oposição, muitos foram mantidos em cárcere ilegal, por vários meses e até anos, sem processo judicial nem acusação formal. Alguns nem sequer eram opositores, mas foram vítimas de denúncias odiosas. O livro Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos é um



duro relato do autor sobre suas experiências vividas no período em que ficou preso em Ilha Grande, sob acusação de ligação com o partido comunista (PCB).

A produção artística cultural engajada ficou a cargo do Ministro da Educação, Gustavo Capanema, responsável pela orientação cultural do período. A política cultural do varguismo foi coerente com a concepção de Estado que orientou a atuação do governante. Em nome de valores políticos, ideológicos, religiosos e morais, os representantes do regime justificavam a proibição ou valorização de produtos culturais[...] A cultura foi entendida como suporte da política e nessa perspectiva, cultura, política e propaganda se mesclaram (CAPELATO, 2003. p. 125).

Depois de 30, os intelectuais eram funcionários públicos que dependiam do Estado ou do mercado cultural, eram ligados à elite burocrática. Os funcionários eram escolhidos por mecanismos de seleção, capazes de avaliar a competência através de trunfos escolares. Apesar da rede de relações sociais serem importantes a qualificação profissional passou a ser necessária e a contar cada vez mais. Ser intelectual neste período designava a pessoa que executava tarefas e funções que exigiam o intelecto.

Assim é que ganha importância a época e a pena do escritor que absorve esses entraves e vocifera sob o enfoque literário as atrocidades cometidas pelos governantes num tempo e espaço que permitem revigorar a poesia e a prosa com a enxertia maestral de autores como Graciliano.

Por esses e outros motivos surge a literatura engajada que grita por ser solta e poder bater asas pelas obras que nesse período eram esplendorosas e nasciam como percevejos e infestavam a imprensa e os meios de comunicação. Se a voz era o fio condutor de eletricidade, então aí estava a arma letal de fazer sangrar a verdade enjaulada nos chiqueiros políticos. E nas margens da vida, das estradas, dos seixos ressequidos e pedregosos arrastavam as mazelas que deveriam ser expostas para quicar ao sol da reflexão humana.

Esse texto seco, maduro, de cheiro acre e sabor ácido é que nasceu dessa gestação de insensatez política e drenagem linfática dos cofres públicos onde o chamado “pai do povo” distribuía o pão que o diabo amassou e o povo engolia a lágrima para



molhar a vida com um pouco de orvalho interior. Por isso é chamada literatura engajada porque nasce do ventre social e é amamentada pela miséria que embala o pobre e dá ascensão aos poderosos.

3 Nordeste: a flor nauseabunda de denúncia social. como o regionalismo agride a liberdade do humano que cresta ao sol da discriminação e do espaço geográfico.

São considerados regionalistas os romances que abordam a realidade específica de uma região, caracterizada por particularidades geográficas e por tipos humanos específicos, que usam a linguagem de um modo próprio e tem práticas sociais e culturais semelhantes (ABAURRE, 2005. p. 565).

Há a retomada de um olhar realista. A narrativa ficcional vive um momento de explosão entre os anos de 1930 e 1945. A qualidade das obras e o surgimento de autores importantes tornam esse período conhecido como “a era do romance brasileiro”. O olhar realista é associado a um tema-específico: a vida no Nordeste brasileiro. O autor explora os contrastes humanos e sociais, as personagens são criadas para ilustrar a condição do nordestino, denunciando a desumanidade dos senhores de engenho. A apresentação crítica da realidade brasileira, que procura levar o leitor a tomar consciência da condição de subdesenvolvimento do país, visível de modo mais evidente em algumas regiões, como a Nordeste. Os romances escritos a partir de 1930 retomam dois momentos anteriores da prosa de ficção: o regionalismo romântico e o Realismo no século XIX. Do regionalismo romântico, vem o interesse pela relação entre os seres humanos e os espaços que eles habitam, numa perspectiva mais determinista. Do Realismo, é recuperado o interesse em estudar as relações sociais.

O romance de 1930 inova com a impessoalidade realista, para apresentar uma visão crítica das relações sociais e do impacto do meio sobre o indivíduo, sendo esses romances escritos nesse período conhecidos como regionalistas ou neo-realistas.



O que pretendiam os escritores com essa produção literária? Queriam caracterizar a vida sacrificada e desumana do sertanejo e compreender o tipo de estrutura socioeconômica viciada que alimentava a política do coronelismo nordestino. Na visão dos modernistas, apontar tais problemas significava dar o primeiro passo em direção a uma transformação dessa realidade injusta. Assim, entre 1930 e 1945, a ficção nacional é dominada por um novo realismo que mostra o indivíduo subordinado ao espaço em que vive, sendo muitas vezes por ele aprisionado. O comportamento desses indivíduos também é analisado, em uma tentativa de traçar de modo fiel o perfil social e psicológico dos habitantes de determinadas regiões brasileiras (ABAURRE, 2005. p. 565).

O projeto literário do romance da geração de 1930 foi claro: revelar como uma determinada realidade socioeconômica, no caso, o subdesenvolvimento brasileiro, influenciou a vida dos seres humanos.

O modo encontrado para mostrar isso foi fazer com que o enredo das obras nascesse da relação entre o contexto socioeconômico e o espaço (caracterizado de modo bem definido: a caatinga do sertão). Os autores neste período basearam-se no conhecimento pessoal da realidade nordestina para desenvolver este projeto. O eixo da ficção regionalista deslocou-se para Maceió- capital de Alagoas, onde moravam os escritores José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

O trabalho com a linguagem realizado pelos autores dessa geração busca trazer para as narrativas a “cor local”, as informações sobre espaços, comportamentos e costumes, que permitem ao leitor reconhecer os aspectos típicos, característicos de uma região específica.

Vidas Secas é um livro singular em diferentes aspectos: é o único romance desse autor com foco narrativo em 3º pessoa; não foi planejado como romance, nasceu de um conto, “Baleia”. Seus capítulos foram escritos fora da ordem que receberam na edição final. O livro faz um retrato brutal da dura existência no sertão nordestino, em que bichos e homens são iguados na tentativa de sobreviver às agruras da seca.

O início da narrativa impressiona pela aridez do cenário, que se expande e atinge também o comportamento das personagens, caracterizada por falas monossilábicas e

gestos voltados para a sobrevivência imediata. A animalização das personagens se manifesta de diversas formas nesse romance onde as crianças não chegam a ser nomeadas (são referidas como “menino mais novo” e “menino mais velho”). Como acontece com os animais, seu comportamento é determinado pela necessidade de sobreviver a um espaço inóspito. A obra apresenta a realidade massacrante desses seres humanos. Porém a questão central da obra está na relação entre o indivíduo e a sociedade, atravessada também pelo espaço dominado pela seca que empurra as pessoas para uma condição de vida completamente desumana e as torna vítimas.

Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. [...] E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: - Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades (RAMOS, 1994. p. 18).

Esse bicho homem trafega pelos seixos da obra de Graciliano e em torno da vida dos personagens e vai mesclando esses seres de terra e sentimento, onde a dureza cria limo e ganha contornos aderentes que se moldam ao corpo numa crosta seca e visível.

CONCLUSÃO

Pensar em Vidas Secas como um mero romance regionalista seria o mesmo que negar tudo o que se construiu em termos de identidade brasileira. A luta de um povo se dá de forma constante, e a soma das batalhas nada mais é que o desenho de sua cultura que, por natureza, mergulha nas veias de seus descendentes. Pensando nessa incrível trajetória que envolve todo o ser humano, Graciliano Ramos pretendeu em Vidas Secas eternizar a incessante luta do retirante nordestino ao relatar as desventuras enfrentadas por Fabiano e sua família. Família esta que parece ter sido esquecida pelo homem e



castigada por uma natureza que implorava por socorro àqueles que nem a si próprios podem ajudar.

A literatura que serve para desvendar as intenções da sociedade serviu para aninhar os desejos desse escritor que via no sofrimento do outro uma forma de expor as tragédias de uma sociedade fria e desigual, cimentada por uma política mascarada de boas intenções mas recheada de transgressões e desrespeito ao ser humano.

A que conclusão chega o homem colocado a bagaço esmagado até a última instância? Que calda sumarenta escorre desse íntimo seco que apenas rumina liberdade e balbucia desigualdade? Retalhos amarfanhados de um ser de(formado) pelo meio, um objeto revirado pelo avesso e transformado em metáfora zoomorfixada pelo contexto vivido. O bicho-homem com olhar atento se humaniza frente à leitura de Vidas secas e congrega com o personagem a dureza de roer os ossos da palavra e da seca e ainda assim não definhava perante a espinha dorsal da existência. É íngreme o tempo e o espaço percorrido pela trama porém os olhos deslizam numa tecitura densa e grossa onde vai enchendo a emoção humana e é isso que indica a essência do literário, fazer refletir o leitor e este se convencer, se deixar persuadir, ser explorado pelo tecido frasal e assim, então recuperar um pouco de umidade e se desproteger da inocência, buscando ser agente transformador desse ambiente desigualitário.

Esse assunto seco faz o trajeto das aves de arribação, mascarando a natureza e falseando às margens do rio seco de areia fresca, porque ao esbarrar na embarcação política, os remos se perdem e se percebe que uma corrente fina une os pólos distintos da engrenagem social, o poder e a miséria. Enquanto o primeiro toma banho as margens litorâneas o segundo naufraga às margens sociais.

Nada sobra nesse teto que alimente o corpo e o texto se encerra numa verdade que transgride os direitos humanos e ainda ouve os sussurros de Fabiano, “Você é um bicho Fabiano. Não você é um homem Fabiano”.



REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza M. **Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras**, volume único. São Paulo: Moderna, 2005.
- ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 2005.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- CAPELATO, Maria Helena. "O Estado Novo: O que trouxe de novo?" in FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Organizadores. O Brasil Republicano – O Tempo do Nacional Estatismo do Início da Década de 1930 ao Apogeu do Estado Novo. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.
- NICOLA, José de. **Literatura Brasileira**. SP: Scipione, 2003. p. 352.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

Recebido Para Publicação em 28 de janeiro de 2020.
Aprovado Para Publicação em 10 de março de 2020.